

CONTRIBUIÇÕES TEÓRICAS PARA A AQUISIÇÃO DA LINGUAGEM E O ENSINO- APRENDIZAGEM DE LÍNGUA

TELMA CRISTINA GOMES DA SILVA

Pós-doutora em Letras e Doutora em Linguística. Professora Visitante na Unidade Acadêmica de Letras do Centro de Formação de Professores da Universidade Federal de Campina Grande - PB, profa.telma@gmail.com

RESUMO

O presente artigo ancorado em os trabalhos de Correa (1999), Scarpa (2006), Del Ré (2006), Finger (2008) e Santos (2008) apresenta as principais contribuições teóricas para o campo de Aquisição da Linguagem observando a importância dessas abordagens para o ensino-aprendizagem de língua materna para/pela criança. Este artigo possui como questão norteadora saber: “*Quais as principais contribuições teóricas para o campo da aquisição da linguagem?*”; e, para tanto, apresenta um breve panorama de os estudos sobre a aquisição da linguagem do século XIX ao século XX, enfocando as correntes teóricas do Behaviorismo, Gerativismo, Conexionismo, Cognitivismo e Interacionismo Social para tecer considerações sobre as contribuições dessas teorias para os estudos aquisicionistas e, por sua vez, para o ensino-aprendizagem de língua materna para/pela criança. Os resultados obtidos com a pesquisa bibliográfica mostram que essas abordagens teóricas favorecem a compreensão do processo de aquisição da língua(gem), bem como propuseram métodos de observação, registro e motivação/estímulo da/para a aprendizagem da língua materna para/pela criança em contexto domiciliar. Esses métodos quando introduzidos no contexto escolar propiciam o processo de ensino-aprendizagem da língua(gem) e possibilitam observar aspectos relacionados ao desenvolvimento linguístico, psicológico e cognitivo da criança.

Palavras-chave: Aquisição da Linguagem, Abordagens Teóricas, Pesquisa Bibliográfica, Ensino de Língua.

INTRODUÇÃO

O processo de aprendizagem da língua(gem) pela criança consiste em uma problemática para os estudiosos acerca desta temática, sendo, fundamental, para a Ciência da Linguística, os estudos da cognição humana e do ensino-aprendizagem, discutirem como acontece essa aquisição da língua(gem) da/pela criança (CORREA, 1999). A partir dessa problemática, este trabalho apresenta algumas das principais contribuições teóricas para a construção do campo da Aquisição da Linguagem, observando a importância dessas abordagens para o ensino-aprendizagem de língua(gem). Para tal, realizamos uma pesquisa bibliográfica sobre a temática em discussão a fim de delinear um breve panorama para a constituição do campo da Aquisição da Linguagem, na área de Linguística e, por sua vez, refletir acerca da influência dessa para o ensino-aprendizagem de língua(gem).

A questão norteadora deste estudo consiste em responder: “*Quais as principais contribuições teóricas para a construção do campo da Aquisição da Linguagem?*”. Para responder essa questão, como já dito, realizamos uma pesquisa bibliográfica pela qual procuramos trazer discussões pertinentes para a temática proposta apontando as contribuições que o *Behaviorismo*, o *Gerativismo*, o *Conexionismo*, o *Cognitivismo* e o *Interacionismo Social* trouxeram para o campo da Aquisição da Linguagem. Como já citado, adotamos como aporte teórico os trabalhos desenvolvidos por Correa (1999), Scarpa (2006), Del Ré (2006), Finger (2008) e Santos (2008) entre outros estudiosos.

Quanto a organização, este artigo está subdividido em as seguintes partes: 1) apresentação de um breve panorama dos estudos sobre a aquisição da linguagem do século XIX ao século XX; 2) discussão sobre a contribuição de abordagens teóricas para a constituição do campo da aquisição da linguagem; 3) e considerações acerca dessas contribuições para os estudos aquisicionistas enfocando o processo de ensino-aprendizagem de língua(gem) para/pela criança.

A AQUISIÇÃO DA LINGUAGEM: UM BREVE PANORAMA

Os estudos em aquisição da linguagem partem do pressuposto de que “toda a criança é, em princípio, capaz de tomar a língua de sua comunidade como língua materna e de adquirir simultaneamente mais de uma língua” (CORREA, 1999, p. 339). Nesse aspecto, segundo apontado por Correia (1999),

o processo de aquisição da linguagem apresenta um padrão de desenvolvimento da linguagem comum aos diferentes indivíduos em as diferentes línguas, cabendo, assim, ao linguista aquisicionista explicar como esse processo acontece. Diante disso, uma teoria de aquisição de linguagem pode ser concebida como um modelo da dinâmica desse processo de apropriação da língua(gem) pelo indivíduo. Essa perspectiva “faz supor uma concepção ou modelo do estado estável do desenvolvimento a ser atingido e do estado inicial desse processo” (Idem., p. 340). A partir disso, aqui, buscamos apontar algumas das principais contribuições de diferentes abordagens teóricas para a construção do campo da Aquisição da Linguagem e o ensino-aprendizagem de língua(gem) para/pela criança.

Del Ré (2006) afirma que um de os primeiros trabalhos sobre a *linguagem infantil* foi realizado no século XIX. Esse trabalho apresentava registros em diários a respeito da fala espontânea de crianças em contexto domiciliar, tendo os próprios pais dessas crianças como os observadores participantes desse processo de evolução da língua da/pela criança. Essa pesquisadora enfatiza que esse período de estudos corresponder à fase da Linguística Histórica ou Gramática Comparada cujo interesse consistia em estudar as línguas vivas e sua evolução. Essa evolução era observada a partir da comparação entre os diferentes usuários / falares da língua por meio de um método *diacrônico* ou *histórico*; entretanto, segundo essa autora, a Linguística não possuía seu objeto de estudo delimitado, assim sendo não possui um método determinado.

Apenas, no início do século XX, com os estudos desenvolvidos por Saussure e Bloomfield, foi que a Linguística adquiriu sua autonomia ao voltasse para uma perspectiva descritiva da língua e, por sua vez, recebeu o *status* de Ciência da Língua(gem) (DEL RÉ, 2006). Nesse período, alguns linguistas e filólogos se interessam pela linguagem infantil, realizando estudos *descritivos*, *longitudinais* e *naturalistas*, entretanto, esses estudos foram desenvolvidos sem a finalidade de se criar uma teoria sobre a aquisição da linguagem. Porque, conforme afirma Weedwood (2002), o objetivo central dos estudos da linguística, naquele período, era a construção de uma teoria geral cujo objetivo consistia em conhecer as mudanças ocorridas pela(s) língua(s) através da história.

Por outro lado, naquela época, existiam também os trabalhos da linguística aplicada que se preocupavam com a elaboração de métodos específicos para o aperfeiçoamento de ensino da língua, sendo, então, a língua analisada em si mesma sem considerar o uso efetivo. Em outros termos, sem observar

a maneira que um indivíduo adquire uma língua ou os mecanismos psicológicos envolvidos em sua produção/ recepção de uma língua pela criança.

Retomando a discussão sobre os primeiros estudos voltados para a linguagem infantil, Del Ré (2006) diz que os *estudos longitudinais* trabalhavam com a prática diarista pela qual um pesquisador registrava sua observação da evolução da língua(gem) da/pela criança em situações espontâneas de comunicação. O pressuposto fundamental desses estudos é que quanto mais representativa for à amostragem dos registros da fala da criança maior a possibilidade de se compreender como a língua da criança é adquirida ou evolui com o passar do tempo. Por seu lado, Scarpa (2006) apresenta, em oposição aos *estudos longitudinais*, os *estudos transversais* que trabalhavam com uma quantidade grande de registros de sujeitos de faixas etárias diferenciadas. Segundo a autora, esses sujeitos eram isolados, controlados e testados em situações experimentais para a “observação e análise da percepção, compreensão e processamento da linguagem pela criança” (Idem., p. 205).

Em síntese, os *estudos longitudinais/ naturalistas* têm o objetivo de analisar a produção/desenvolvimento da língua(gem) da criança em situação espontânea, enquanto os *estudos transversais/ experimentais* têm o propósito de compreender como ocorre a percepção da fala da/pela criança em situações controladas. Sendo, então, a escolha metodológica e a seleção de dados que determina o viés teórico que subsidiará a pesquisa.

Scarpa (2006) destaca que o campo da aquisição da linguagem é uma área híbrida criada no entremeio de teorias linguísticas e psicológicas. Portanto, essa área apresenta um cenário que privilegia tanto as discussões teóricas da Linguística quanto da Psicologia Cognitiva. Ademais, atualmente, essa área do saber favorece também a discussão de estudos psicolinguísticos e metodologias para o ensino-aprendizagem de língua(gem), entre outros. Isto significa que a área em aquisição da linguagem está, diretamente, relacionada à subáreas do conhecimento que formam cada uma seu próprio campo de estudos.

Del Ré (2006) e Scarpa (2006) apontam algumas dessas áreas: a) *aquisição da língua materna por crianças sem desvios ou com desvios* (retardos mentais, surdez, desvios articulatórios entre outros) no que diz respeito aos componentes fonológicos, morfológicos, semânticos, sintáticos, pragmáticos, discursivos e interativos da língua materna; b) *aquisição de segunda língua por crianças e adultos* tanto em situação formal (escola), quanto informal (imersão linguística); c) *aquisição da escrita* pela qual se observa os processos de

letramento, a alfabetização, a relação língua e fala, etc. Assim o campo de aquisição de linguagem se tornou de interesse para as teorias linguísticas, psicológicas, psicolinguísticas e, por sua vez, para as metodologias aplicadas ao ensino-aprendizagem de língua(gem). Para revestir aspectos específicos dessas áreas, como dito anteriormente, o campo dos estudos aquisicionistas receberam contribuições de diferentes abordagens teóricas.

AS ABORDAGENS TEÓRICAS E SUAS CONTRIBUIÇÕES PARA AQUISIÇÃO DA LINGUAGEM

As abordagens teóricas estudadas, neste trabalho, são o *Behaviorismo*, o *Gerativismo*, o *Conexionismo*, o *Cognitivismo* e o *Interacionismo Social*. Ao explicitar sobre essas teorias pretendemos compreender suas contribuições para o campo da Aquisição da Linguagem, entretanto, seguindo as orientações de Del Ré (2006), antes, faz-se necessário contextualizar não somente o aparecimento de cada uma delas, mas também o pensamento vigente na época que, por sua vez, reflete em seus postulados teóricos.

O EMPIRISMO

Os estudos empiristas, segundo Santos (2008), compreendem aqueles que se originam do conhecimento derivado da experiência do indivíduo. Para as teorias empiristas não se nega a existência da mente; logo, os seres humanos tanto têm conhecimentos, como ideias em suas mentes, sendo, assim, sua principal preocupação conhecer “como essas ideias foram adquiridas ou aprendidas” (Idem., p. 216). Nessa ótica, o *inato*, para os empiristas, está na “capacidade de formar associações entre estímulos, ou entre estímulos e respostas, com base na similaridade e contiguidade. Isto significa que a estrutura não está no indivíduo, nem é constituída por ele, mas está no exterior, fora do organismo” (Idem. p. 216-217).

Del Ré (2006) destaca que as primeiras teorias em aquisição, considerando o modelo empirista, são o *Behaviorismo* e o *Conexionismo*. A primeira perspectiva postulada por Skinner acredita a criança ser uma “tábula rasa” que desenvolve a linguagem, ou melhor, os conhecimentos linguísticos através de *estímulo-resposta*, *imitação* e *reforço*. Já o *Behaviorismo*, segundo Finger (2008), é uma abordagem psicológica comportamentalista que estuda o animal humano e não humano. Essa abordagem surgiu, em meados do século XX, em os Estados Unidos, predominando entre os anos de 1920 e 1960. O

princípio norteador dessa teoria é que “a Psicologia deve conceber como objeto de estudo somente aquilo que pode ser observável e descrito de forma rigorosa e objetiva” (FINGER, 2008, p. 18). Logo, o objeto de estudo da Psicologia deve ser o comportamento observável recusando-se assim os estudos da mente. Diante disto, é desnecessário para os teóricos behavioristas analisar qualquer processo interno ao ser humano para compreender o desenvolvimento da língua(gem), visto que “o fundamental para a teoria behaviorista é determinar o tipo de comportamento” (Idem., p. 28-29). Assim sendo, a linguagem é “um comportamento aprendido, um hábito, e emerge – é construída – a partir da interação do ser com o *input* fornecido pelo meio” (Idem., p. 28).

De acordo com Skinner (1957 *apud.* DEL RÉ, 2006, p. 18), a linguagem é adquirida mediante um reforço positivo – no qual, o comportamento/linguagem se manteria –, um reforço negativo – pelo qual o comportamento/linguagem seria eliminado –, ou ainda, em um tipo de reforço. Isto significa que “o comportamento é a resposta dada por um determinado organismo a algum fator externo que o estimule, cuja resposta pode sempre ser observada, descrita e qualificada” (FINGER, 2008, p. 18) Deste modo, a linguagem ou conhecimentos linguísticos seriam comportamentos aprendidos a partir de reforços/estímulos dados pelo adulto a criança.

Partindo dessa perspectiva, é irrelevante qualquer predisposição inata para a aquisição da língua e, portanto, a natureza da linguagem humana não poderia ser estudada internamente. Pois, segundo Pavlov (*apud.* FINGER, 2008, p. 21), o ser humano assim como os animais aprende a linguagem através de “associações entre estímulos e respostas, repetindo comportamentos que são bem-sucedidos” (Idem.). O estudioso Watson questionou as ideias de Pavlov, afirmando que não apenas os seres humanos reagem a estímulos, mas também é possível condicionar a resposta do ser humano a um determinado estímulo (FINGER, 2008). Isto é, um homem assim como um animal poderia ser induzido a produzir um determinado comportamento.

Por outro lado, Finger (2008, p. 22) destaca que em o psicólogo Skinner, em seus estudos, rejeitou quase totalmente a perspectiva defendida por Watson sobre os reflexos e condicionamentos, pois, a metodologia skinneriana trabalha com as associações que não estão, diretamente, relacionadas a um estímulo específico. Finger (2008) aponta, ainda, que a concepção de aprendizagem defendida por Skinner é facilmente aplicada à descrição de situações de interação comuns de nosso cotidiano, como, por exemplo, uma resposta ou estímulo dado pelos pais ao filho que grita para obter algo;

segundo afirma esse pesquisador, se a resposta for atender ao que a criança deseja para que ela não grite. Esse comportamento se reproduzirá inúmeras vezes, contudo, se a criança não for atendida, ou seja, se ela não receber o que deseja, esse comportamento tende a desaparecer. Em outros termos, o tipo de *feedback* dado a criança reforçará ou não determinado comportamento dela. É justamente essa noção de “reforço” a maior contribuição dos estudos de Skinner para a teoria behaviorista e, por sua vez, para os estudos em aquisição da linguagem. (FINGER, 2008).

Como já dito, os behavioristas rechaçam a existência do conhecimento inato, porque, segundo eles, o conhecimento é adquirido no processo de aprendizagem resultante da interação do organismo com o ambiente, sendo, o condicionamento *estímulo-resposta-reforço* responsável pelo desenvolvimento do ser humano. Assim sendo, a aquisição da linguagem da/pela criança se dá pela inserção do indivíduo no ambiente. Ou seja, a criança desenvolve sua língua a partir da experiência com a língua dos adultos e/ou outras crianças participantes de seu cotidiano (FINGER, 2008). A partir disso, os behavioristas defendem que uma criança “não possui qualquer tipo de conhecimento prévio e somente aprende a língua particular se alguém ensiná-la. Sendo, assim, o ambiente é o único responsável pelo provimento do conhecimento que ela porventura virá a adquirir.” (Idem., p. 38).

Esse pensamento behaviorista imperou por muito tempo entre os estudiosos da aquisição que acreditavam a criança adquirir sua língua materna por meio do condicionamento *estímulo-resposta-reforço*; entretanto, atualmente, essa ideia não recebe o mesmo suporte, pois, outros estudos colocam o pensamento behaviorista em cheque. Por outro lado, não podemos deixar reconhecer a contribuição que essa abordagem trouxe “para a compreensão de como as crianças adquirem alguns aspectos mais rotineiros e regulares da língua.” (FINGER, 2008, p. 44).

Por seu lado, o *Conexionismo* diz respeito ao estudo de natureza do *input*, isto é, os estudos sobre a aprendizagem da linguagem pela criança. Del Ré (2006) afirma que essa abordagem não considera a mente como parte do processo de aquisição da linguagem, todavia, admite o cérebro e suas redes neurais serem responsáveis pelo aprendizado em situações empíricas de comunicação. No geral, essa corrente trabalha com a noção de dados de entrada (*input*) e de saída (*output*) considerando a interação entre o organismo (rede neural) e o ambiente.

Os estudos realizados pela teoria conexionista, segundo Snow (2011), são essenciais para a formulação de qualquer teoria da aquisição da linguagem

visto que mostram como a linguagem infantil evolui mediante a *interação mãe-bebê* – os estudos da fala da mãe dirigida à criança (FDC). Assim sendo a teoria conexionista trouxe, para os estudos em aquisição da linguagem, contribuições diversas, como apresentar a diferença entre a interação *adulto-adulto*, *adulto-criança* e *criança-criança*, observando a capacidade que uma criança possui para compreender e/ou produzir a língua(gem).

Para isso, o *Conexionismo* traz para os estudos aquisicionistas questões sobre *sintonia*, *efeitos dos atrasos no desenvolvimento*, *diferenças individuais para aquisição da linguagem* auxiliando a compreensão do léxico e do sistema linguístico assim como usados pelas crianças nos seus primeiros dois anos de vida. Contudo, segundo Del Ré (2006), essa teoria na supre lacunas, como explicar a rapidez com que uma criança adquire uma língua(gem) ou os erros que ela comete, ou ainda, as razões pelas quais começa a fala, etc. Mas isso não diminui a importância dessa abordagem teórica para a área de aquisição da linguagem.

O RACIONALISMO

Del Ré (2006) e Santos (2008) afirmam que, a partir da década de 1950, com os trabalhos de Noam Chomsky, o empirismo dar lugar aos estudos racionalistas, que não somente admitem a existência da mente, como também atribuem a essa irresponsabilidade pela aquisição da linguagem. Assim, linguagem e mente são relacionadas e, por consequência, passa-se a pressupor a existência de uma capacidade inata ao ser humano que precederia o processo de aquisição da linguagem da/pela criança. É, nesse momento, que surgem pesquisas voltadas para os processos psicológicos e os mecanismos ligados à aquisição, e, também, em relação ao uso da língua(em), abrindo espaço para o *inatismo* em oposição aos estudos behavioristas vigentes naquela época.

A partir disso, os estudos de Chomsky defendem que o ser humano tem uma gramática inata que procura dá conta da *competência linguística* e do *uso criativo da linguagem* pelo falante. Desse modo, a linguagem “não pode ser confundida com um tipo de habilidade. É justamente o uso criativo da linguagem que evidencia que não é uma questão de habilidade que entra em jogo quando uma pessoa a utiliza” (QUADROS, 2008, p. 26). É a partir desse princípio que Chomsky crítica a teoria postulada por Skinner.

A teoria chomskyana pressupõe, então, a existência de uma Gramática Universal (GU) pela qual as línguas possuem um correlato linguístico

programado, biologicamente, necessário para que essas apresentem propriedades que as definem, sendo essas propriedades adquiridas em um período curto em um determinado contexto de uso (CORREA, 1999). Por seu lado, os estudos aquisicionistas defendem que há uma maior indeterminação no que concerne às formas das línguas serem adquiridas no processo inicial.

Devido à ausência de um consenso em relação a um modelo padrão que explicasse a aquisição das línguas ocorreu que muitos trabalhos, em aquisição da linguagem, foram desenvolvidos de forma prática e independente da Teoria Linguística; embora seja necessária a incorporação de uma teoria da língua em uma teoria de aquisição da linguagem. Segundo (1999), os estudos psicolinguísticos e áreas afins reverteram esse quadro quando apresentaram pesquisas sobre a percepção da fala por bebês e, também, de crianças com deficiências cognitivas que mantiveram a capacidade linguística e a existência de déficits, particularmente, linguístico para o desenvolvimento da fala em lados diferentes do cérebro.

Nessa visão, conforme aponta Del Ré (2006), o gerativismo chomskiano propõe que a aquisição de uma língua não se baseia na mera memorização, pelo contrário, as propriedades linguísticas seriam transmitidas de maneira genética sendo, portanto, somente ativadas a partir do contato de um indivíduo com falantes nativos da língua. Nesse sentido, a “linguagem é, na perspectiva da teoria gerativa, um conjunto de representações mentais” (QUADROS, 2008, p. 28), segundo essa concepção, são geradas estruturas linguísticas por meio de transformações de sentenças pelo falante. Em síntese, a teoria chomskiana mostra que a língua não é adquirida através de condicionamento, nem memorização de palavras isoladas, mas sim a partir do uso de uma GU que o ser humano traz consigo, sendo, portanto, essa GU desenvolvida pelo contato com outros falantes da língua materna.

Isso posto, ao retomar o pensamento de Platão, a teoria de Chomsky se desenvolve a partir do seguinte questionamento: “*O conhecimento linguístico da criança resulta do ambiente ou é biologicamente determinado?*”. (QUADROS, 2008, p. 33). Como resposta a essa questão, Chomsky afirma existir “um componente da faculdade da linguagem na mente/cérebro da criança” (Idem., p. 59). Partindo disso, o uso da língua materna por uma criança se explica através de fatores ambientais e biológicos, tanto quanto a compreensão, como quanto a produção da língua(gem). Assim, “os fatores do ambiente interferem no uso da linguagem, possibilitando colocar em uso um sistema de conhecimento que identifica e extrai do ambiente as informações relevantes para acessar recursos que estão biologicamente determinados” (Idem).

De acordo com Quadros (2008), são três esses fatores ao considerarmos a aquisição da linguagem: 1) os princípios genéticos que limitam a faculdade da linguagem; 2) os mecanismos de aprendizagem estabelecidos geneticamente; 3) e o contato linguístico ao qual a criança é exposta em determinada comunidade de fala. Em outros termos, a língua(gem) é adquirida a partir de fatores biológicos e sociais que colaboram para o desenvolvimento da fala da criança. Nessa ótica, a aprendizagem da língua(gem) acontece pelo contato da criança com outros falantes seja no contexto domiciliar, seja escolar, etc.

Ademais, Chomsky postula que existem padrões universais para as crianças acessarem a linguagem, sendo, assim, em diferentes lugares do mundo, a linguagem humana passaria por estágios semelhantes. E, com isso, a língua não seria aprendida como proposto pelos behavioristas, mas sim “determinada por princípios linguísticos inatos que interagem com a língua que a criança é exposta no ambiente.” (QUADROS, 2008, p. 59). Dito de outra maneira, “a linguagem está vinculada a mecanismos inatos da espécie humana e comuns aos membros dessa espécie, daí, a ideia de universais linguísticos” (SCARPA, 2006, p. 208). Essa concepção chomskiana colocou a linguagem tanto no domínio cognitivo, quanto biológico, considerando que o ser humano nasce com uma GU, que, por sua vez, essa é dotada de princípios determinados pela faculdade de linguagem e parâmetros fixados que adquirem valor através do contato do indivíduo com outros falantes da língua materna.

Ressalta-se que embora o contato com o outro falante seja essencial para o desenvolvimento da fala pela criança, a teoria chomskiana não considera a interação social como um fator primordial para que essa criança fale, visto que, para Chomsky, a língua(gem) é intrínseca ao ser humano. Outro aspecto relevante dessa teoria, de acordo com Quadros (2008), é o chamado *período crítico*. Pois, para essa teoria, haveria um período no qual se encerraria ou se tornaria mais difícil a aquisição de uma língua. Logo, se uma criança na desenvolvesse a língua antes de entrar no período crítico, que acontece por volta da puberdade, essa teria o seu desenvolvimento linguístico prejudicado.

Essa hipótese é uma das principais contribuições da teoria gerativa, pois, com isso, essa teoria aponta que a criança além de possuir uma predisposição inata para a aquisição da linguagem, também existe um período pré-determinado, mais favorável, para que essa aquisição aconteça de forma natural. Esse pensamento gerativista influenciou a educação formal, sendo,

então, determinada uma faixa etária para os níveis de escolaridade desde a educação infantil a educação básica, e, também, possibilitou que educadores e psicólogos avaliassem quando uma criança está com deficit de aprendizagem.

Resumindo, os gerativistas chomskianos acreditam o ser humano nascer predisposto a desenvolver uma linguagem havendo um período melhor para que isso aconteça. Nessa ótica, o processo de aquisição da linguagem da/pela criança, segundo esses estudiosos, acontece quando “a criança é exposta a um *input* (conjunto de sentenças ouvidas no contexto), sendo o *output* um sistema de regras para a linguagem do adulto, a gramática de uma determinada língua” (SCARPA, 2006, p. 208).

No entanto, Del Ré (2006) afirma que a teoria chomskiana “minimiza o papel do conhecimento adquirido na aprendizagem da língua da criança e deixa de lado outros elementos que participam desse processo” (Idem. p. 22). É assim que surgem a *teoria cognitiva piagetiana* e o *interacionismo vygostskyano* trazendo para os estudos aquisicionistas uma noção de construção do conhecimento pela criança não somente a partir do contato com o ambiente físico, mas também considerando as trocas comunicativas no processo de interação entre criança e adulto.

Destaca-se que o *Cognitivismo* é uma teoria racionalista que “vincula a linguagem à cognição, i.e., a aquisição e o desenvolvimento da linguagem são processos derivados do desenvolvimento do raciocínio na criança” (DEL RÉ, 2006, p. 22). Sendo, portanto, a aquisição da linguagem, nessa perspectiva teórica, resultante do desenvolvimento da cognição, isto é, da inteligência da criança.

Segundo Del Ré (2006), o biólogo e psicólogo Piaget desenvolveu sua teoria considerando que a linguagem é adquirida pela superação de estágios cognitivos pelos quais a criança passa durante os primeiros anos de vida; e, em vista disso, esse estudioso da linguagem não considera também o papel da interação social para a aquisição da língua(gem). Porque, para Piaget, “não basta que a criança esteja apenas ‘exposta’ à interação social, ela deve também estar ‘pronta’, no que se refere à maturação, desenvolver o(s) estágio(s) para compreender o que a sociedade tem para lhe transmitir” (Cf. DEL RÉ, 2006, p. 22).

Segundo esse psicólogo, os estágios para o desenvolvimento cognitivo da criança são:

- 1) o *sensório-motor*, de 0 a 18/24 meses, que precede a linguagem; 2) o *pré-operatório*, de 1,;6/2 anos a 7/8 anos, fase

das representações, dos símbolos; 3) *operatório-concreto*, de 7/8 anos e 11/12 anos, estágio da construção da lógica; e 4) *operatório-formal*, de 11/12 anos em diante, fase em que a criança raciocina, deduz, etc. (DEL RÉ, 2006, p. 22).

Esses estágios são desenvolvidos plenamente pela criança conforme forem lhe oferecidas às condições necessárias para que o fenômeno da aquisição da linguagem ocorra.

Ramozzi-Chiarottino (2008) afirma, que Piaget concebe a linguagem como resultante da troca da interação entre o organismo e o meio. Nesse ângulo, essa nem é empírica, nem tão pouco inata. Logo, na perspectiva piagetiana, a linguagem se desenvolve por meio da capacidade adquirida pela criança nos primeiros dois anos de vida, ou seja, durante o período sensorio-motor. Nesse período, a criança distingue significante e significado; e, desse jeito, ela adquire a capacidade de representar algo. Posto isto, a representação de um objeto seria compreendida como a capacidade de perceber da criança e, também, consiste na forma dela agir sobre o meio. Em suma, a preocupação de Piaget é explicar aquilo que permite uma criança compreender as mensagens que lhe são transmitidas no meio em que convive.

Com isso, sua maior contribuição para os estudos em aquisição consiste em mostrar que é necessário haver condições básicas oferecidas à criança para que a linguagem seja plenamente desenvolvida até a puberdade. De acordo com Ramozzi-Chiarottino (2008, p. 92), a principal

(...) diferença entre Chomsky e Piaget é que o primeiro é inatista e o segundo demonstra que esses dispositivos [de/para a aquisição da linguagem] não são inatos, mas constituídos nas ações a partir da construção dos primeiros esquemas motores, condições das ações (...)

que são desenvolvidos ano a ano no contato com o meio, maturando cognitivamente o ser humano e, por sua vez, o preparando para a aquisição da linguagem.

Diante disso, a teoria piagetiana, em contraposição ao modelo proposto por Chomsky, concebe a aquisição

como resultado da interação entre o ambiente e o organismo, através de assimilações e acomodações, responsáveis pelo desenvolvimento da inteligência em geral, e não como resultado do desencadear de um módulo – ou um órgão – específico para a linguagem. (SCARPA, 2006, p. 211).

Ainda Ramozzi-Chiarottino (2008, p. 97) destaca que o interesse de Piaget é “a capacidade de predicar do ser humano”, ou seja, a capacidade semântica que o ser humano possui para atribuir valores e criar conceitos. E, por seu lado, Scarpa (2006) pontua que o modelo piagetiano foi criticado devido a desprezar o papel social e de outras pessoas no desenvolvimento da criança nos primeiros dois anos de vida.

Na década de 1970, surge Vygotsky no centro das discussões em oposição ao inatismo chomskiano, e, também, como uma alternativa ao cognitivismo piagetiano. Esse estudioso considera o aspecto social da língua(gem) para o desenvolvimento da criança, propondo que a fala é “resultante da internalização da ação e do diálogo” (Cf. DEL RÉ, 2006, p. 23) e, assim, ela serve de “suporte para que a criança comece a controlar o ambiente e o próprio comportamento” (Idem.). Apensar de Piaget e Vygotsky insistirem que o aspecto cognitivo é fator determinante para o desenvolvimento da língua(gem) da/pela criança, esses estudiosos se diferenciam pelo ponto de vista, porque “se para Piaget [a linguagem] tratava-se de um processo individual, ou seja, a criança passaria sozinha pelo processo de internalização” (Idem.); por outro lado, para Vygotsky, “a fala (egocêntrica) da criança é essencialmente social, em outras palavras, depende da reação das outras pessoas e tende a se internalizar.” (Idem.). Sendo, na verdade, o psicólogo Bruner, um dos primeiros estudiosos a pesquisarem de fato a interação entre criança e seu interlocutor, em particular, a mãe. Para esse estudioso, “as estruturas de ação e da atenção do homem se refletem nas estruturas linguísticas” (DEL RÉ, 2006, p. 23) e, com isso, enquanto a criança vai se apropriando dessas estruturas da língua, simultaneamente, no “processo de interação do qual o adulto participa, a linguagem vai sendo adquirida.” (Idem.).

Del Ré (2006) acrescenta que foi Bruner quem introduziu a importância do lúdico para a aquisição da língua(gem) pela criança. Esse psicólogo considera que as brincadeiras favorecem o desenvolvimento humano, sejam as funções linguísticas, comunicativas, gestuais e verbais, e, também, que essas facilitam a criança experimentar de troca de papéis sociais nos turnos da conversação. Bruner reconheceu, ainda, o papel da criança, enquanto interlocutor dentro do processo de interação para o desenvolvimento da linguagem infantil, bem como enfatiza que a criança ao aprender uma língua, “não está aprendendo apenas o que dizer, mas *como, onde, para quem e em que circunstâncias* [dizer].” (DEL RÉ, 2006, p. 24, grifos nossos).

No geral, a contribuição que o cognitivismo piagetiano traz para os estudos aquisicionistas diz respeito a noção de estágios pelos quais a criança

passa nos primeiros doze anos de vida, sendo, o estágio *sensório-motor* fundamental para o desenvolvimento dos demais. Já os estudos realizados por Piaget mostram que é essencial a criança desenvolver as funções cognitivas de maneira a ter consciência de que objetos não visíveis existem. Isto é, compreender que algo exista concretamente mesmo que não esteja em seu campo de visão. Entretanto, Piaget desconsidera o papel do interlocutor para o desenvolvimento cognitivo e, daí, surgem estudiosos como Vygotsky e Bruner que enfatizam a importância desse contato com outro falante para o desenvolvimento cognitivo do ser humano e, por sua vez, da aquisição da linguagem.

Segundo Del Ré (2006), os estudos de Vygotsky apontam a importância da função social da fala e, portanto, da interação social com o outro para a evolução da linguagem, sendo o adulto o principal interlocutor da criança, isto é, um facilitador do processo de aquisição da língua(gem). Esses estudos enfatizam que para uma criança nos primeiros dois anos de vida, ainda não existe a diferença entre significante e significado, sendo, esses utilizados indissociavelmente. A principal contribuição de Vygotsky, então, para os estudos aquisicionistas, consiste em que a aquisição da linguagem passa a ser vista como “um processo pelo qual a criança se firma como sujeito da linguagem (e não como aprendiz passivo) e pelo qual constrói ao mesmo tempo seu conhecimento do mundo, passando pelo outro” (SCARPA, 2006, p. 214). Ressalta-se que os trabalhos desenvolvidos por Vygotsky inspiraram a chamado *Interacionismo Social*, que nos deteremos, na próxima seção, mostrando as contribuições dessa abordagem teórica para a construção do campo da aquisição da linguagem.

O INTERACIONISMO SOCIAL

A proposta defendida pelo *Interacionismo Social* tanto se afasta do inatismo quanto do cognitivismo. Por essa proposta, os interacionistas consideram aspectos sociais, comunicativos e culturais para a aquisição da linguagem. Com isso, “a interação social e a troca comunicativa entre a criança e seus interlocutores são vistas como pré-requisito básico no desenvolvimento linguístico” (SCARPA, 2006, p. 214).

Para esses estudiosos existem rituais pré-verbais que precedem as construções linguísticas e que preparam a criança para a linguagem. Assim, os interacionistas estudam as características presentes na fala de adultos e de crianças mais velhas para compreender o processo de aquisição da

língua(gem) pela criança pequena. Para tal, esses consideram situações de comunicação, nas quais, há partilha entre criança e adulto, isto é, trocas comunicativas, observando a fala a que essa criança é exposta, ou melhor, o *input* que ela recebe durante o processo de aquisição da língua. Nessas observações, é interessante para os interacionistas não somente o *input* como fator primordial para a aprendizagem da língua(gem), mas também a forma como a criança é afetada pela fala que lhe é dirigida no processo de interação verbal.

Scarpa (2006) afirma que os estudos, nessa área do conhecimento, comprovam que existem diferenças relevantes no que diz respeito a aspectos fonológicos, morfológicos, sintáticos, semânticos e pragmáticos quando analisada a fala dirigida a criança pequena em relação à fala dirigida a criança mais velha ou adulto como, por exemplo: *entonação exagerada, reduplicação de sílabas, frases mais curtas e menos complexas, referência espacial e temporal específicas para o momento da enunciação, conteúdo lexical mais familiar e cotidiano*, etc.¹

Os estudiosos Lier-de Vitto e Carvalho (2008) criticam a proposta sociointeracionista, alegando que o termo *interacionismo* é utilizado de forma ampla, e, também, que os investigadores dessa vertente se concentram muito mais na ação conjunta entre mãe-bebê. Assim sendo, o foco nesse tipo de interação afasta os estudiosos do principal enfoque dos estudos em aquisição da linguagem: *compreender as mudanças da fala da criança*. Por outro lado, Del Ré (2006) defende que a perspectiva interacionista inspirada, nos estudos de Vygotsky, trazem a criança como um indivíduo ativo; e, com isso, a criança não é um mero aprendiz passivo da língua(gem) do outro, mas sim “um sujeito que constrói seu conhecimento (mundo e linguagem) pela mediação do outro” (Idem., p. 25).

Del Ré (2006, p. 25) destaca, ainda, que: “A base para o desenvolvimento linguístico infantil está na associação entre a interação social e a troca comunicativa com um outro, que pode ser não apenas um adulto, mas também uma criança”. Para essa autora, as pesquisas sobre o *manhês* – a fala da mãe dirigida a criança pequena – realizadas entre as décadas de 1970 e 1980, comprovam o uso de uma entonação exagerada da fala da mãe direcionada a criança e de frases mais curtas, etc. Essa interação insere a criança em um universo particular, no qual as emissões vocais são interpretadas

1 Conferir Scarpa (2006) sobre a diferença entre a fala dirigida a criança pequena e a fala dirigida aos demais interlocutores da interação social.

pela mãe e, por sua vez, ganham significado afetando diretamente a aprendizagem da língua(gem) pela criança.

Essa pesquisadora acrescenta que há diferentes vertentes do interacionismo social, sendo, uma delas, o *sociointeracionismo*, nessa “os papéis no diálogo e as categorias linguísticas se instauram por meio da interação dialógica (criança-interlocutor).” (DEL RÉ, 2006, p. 25). É justamente nesse ponto que encontramos a principal contribuição do *Interacionismo Social* para os estudos aquisicionistas, tendo em vista que essa abordagem teórica coloca a criança como um sujeito ativo, um interlocutor no processo de interação, sendo, também, esse sujeito responsável pela construção de sua própria língua(gem). Del Ré ressalta, ainda, que a criança nas situações de interação é dependente da fala anterior produzida pelo interlocutor para construir sua própria sintaxe, ou seja, a criança precisa seguir um modelo linguístico para formar sua gramática. Deste jeito, aspectos fonológicos, morfológicos, sintáticos, semânticos e pragmáticos da fala do interlocutor da criança influenciarão a fala dela, justificando, portanto, o porquê de alguns traços linguísticos que a criança possui carrega.

Scarpa (2006) afirma que as mudanças no processo de aquisição da linguagem da/pela criança são identificadas pelas posições que a criança assume no processo de interação. Isto significa que são nas diferentes (inter)relações da criança com a língua(gem) que o pesquisador verificará as mudanças que ocorreram no processo de aquisição.

Segundo Del Ré (2006), são três essas posições: 1) a *primeira posição* é aquela em que a criança é dependente da fala e da interpretação da mãe; 2) a *segunda posição* é aquela em que a criança assimila, isto é, utiliza um maior número de fragmentos da fala da mãe; ademais, nessa posição, o erro aparece como uma característica da fala (re)produzida pela criança; 3) e a *terceira posição* quando a criança se divide em dois papéis, “aquele que fala e aquele que escuta a própria fala” (DEL RÉ, 2008, p. 28), sendo, “capaz de retomá-la, reformulá-la e reconhecer a diferença entre a sua fala e a do outro” (Idem).

Podemos afirmar, então, que esse processo é natural, visto que a criança vai adquirindo a língua(gem) em um contexto de uso com seu interlocutor, captando as mudanças das posições assumidas e, assimilando os papéis de interlocutor e de locutor. Entretanto, o percurso para a aquisição da linguagem pela criança dura pelo menos cinco ou seis anos até que ela se tornar proficiente na língua materna.

AQUISIÇÃO DA LINGUAGEM E ENSINO-APRENDIZAGEM DE LÍNGUA(GEM)

As abordagens teóricas apresentadas não somente contribuíram significativamente para a construção do campo dos estudos aquisicionistas da língua(gem), mas também favoreceram o desenvolvimento de metodologias voltadas para o ensino-aprendizagem de língua(gem) em sala de aula. Essas abordagens propiciaram a condução de estudos em relação a aquisição de língua materna, aquisição de segunda língua e aquisição de escrita não apenas por crianças mas também por adultos.

No que concerne a aquisição da língua materna, os educadores passaram a ter informações acerca da assimilação de componentes fonológicos, morfológicos, sintáticos, semânticos, pragmáticos e dos aspectos comunicativos, interativos e discursivos, em crianças sem desvios de língua(gem) ou com desvios sejam esses articulatórios, retardos mentais, surdez, etc.

Também pode-se trabalhar melhor a aquisição da segunda língua por crianças e adultos em situações de uso. Além disso, as pesquisas em aquisição da linguagem propiciaram trabalhar com o processo de letramento, alfabetização bem como a relação entre a aprendizagem de fala/escrita oferecendo suporte para os professores de língua dos anos iniciais e, também, para a formação em turmas de jovens e adultos e, ainda, pessoas com algum tipo de deficiência. (Cf. DEL RÉ, 2006).

Assim sendo, no contexto atual, no qual os educadores se deparam com o desafio da inclusão de pessoas deficiências a exemplo da surdez. Essas abordagens vêm mediar e facilitar o trabalho docente, tendo em vista que oferecem subsídios para a compreensão do processo de aprendizagem, bem como apresentam maneiras de motivar/estimular, observar/registrar e avaliar esse processo de aquisição da língua(gem) em contexto de uso seja domiciliar ou escolar.

Os estudos aquisicionistas propiciaram também compreender e comparar as semelhanças e diferenças no processo de aprendizagem da primeira língua (L1) e segunda língua (L2) observando aspectos em relação a sistematicidade dessas línguas a partir de elementos, como o contexto natural e o contexto de aprendizagem em sala de aula. Isto oportunizou refletir sobre a aprendizagem diretamente relacionada a necessidade imediata e a funcionalidade da língua para a sobrevivência do sujeito. (VENTURI, 2006).

Ademais, esses estudos trouxeram a tona questões relacionadas ao desenvolvimento da aprendizagem da língua na idade infantil e adulta,

natural e escolar, considerando os fatores biológicos, psicológicos, cognitivos, socioculturais que interferem no processo de aquisição da L1 e da L2.

Nesse campo da aquisição da língua(gem), temos os estudos psicolinguísticos que investigam sobre os fatores que influenciam em o domínio de uma língua, trabalhando com *elementos relacionados a fluidez do falante, apropriação do léxico de uma língua, capacidade do falante elaboração discursos*, etc. Contudo, essa discussão deixaremos para próximos trabalhos. Acreditamos que os pontos apresentados, até então, evidenciam a importância das contribuições teórico-metodológicas dos estudos em aquisição da linguagem para o processo de ensino-aprendizagem de língua da/pela criança.

CONSIDERAÇÕES

Concluimos, então, que as diferentes vertentes do campo da aquisição da linguagem corroboram significativamente para a compreensão do processo ensino-aprendizagem da língua(gem) uma vez que mostram a importância da observação de elementos biológicos, psicológicos, cognitivos, interacionais socioculturais fundamentais para o desenvolvimento da língua(gem) da/pela criança, sendo essa língua(gem) compreendida como inata e/ou aprendida; e, portanto, cabendo ao professor de língua materna e/ou segunda língua considerar esses aspectos antes e durante o processo de ensino-aprendizagem da língua(gem) para/pela criança no contexto escolar.

Ressalta-se que, embora, existam muitas contribuições teóricas acerca da aquisição da linguagem, defendemos que essas se complementam uma vez que o ser humano, igualmente, a linguagem humana, é complexo, assim sendo conhecer o seu processo de aquisição da linguagem ou de aprendizagem não seria diferente. Assim sendo, os educadores precisam pesquisar, refletir, discutir a respeito da aquisição da língua(gem) pela criança para facilitar o processo de ensino-aprendizagem de língua materna e/ou segunda língua em sala de aula.

REFERÊNCIAS

CORREA, Letícia Maria Sicuro. Aquisição da linguagem: uma retrospectiva dos últimos trinta anos. In: **DELTA**, Vol. 15, N.º ESPECIAL, 1999, p. 339-383.

DEL RÉ, Alessandra (org.). **Aquisição da linguagem**: uma abordagem psicolinguística. São Paulo: Contexto, 2006, p. 13-44.

FINGER, Ingrid. A aquisição da linguagem na perspectiva behaviorista. In: QUADROS, Ronice Müller de. **Teorias de aquisição da linguagem**/Ronice Müller de Quadros. – Florianópolis: Ed. Da UFSC, 2008, p. 17-44.

LIER-DE VITTO, Maria Francisca; CARVALHO, Glória Maria de. O interacionismo: uma teorização sobre a aquisição da linguagem. In: QUADROS, Ronice Müller de. **Teorias de aquisição da linguagem**/Ronice Müller de Quadros. – Florianópolis: Ed. Da UFSC, 2008, p. 115-146.

QUADROS, Ronice Müller de. **Teorias de aquisição da linguagem**/Ronice Müller de Quadros. – Florianópolis: Ed. Da UFSC, 2008, p. 45-82.

RAMOZZI-CHIAROTTINO, Zélia. Epistemologia genética e a aquisição da linguagem. In: QUADROS, Ronice Müller de. **Teorias de aquisição da linguagem**/Ronice Müller de Quadros. – Florianópolis: Ed. Da UFSC, 2008, p. 83-114.

SANTOS, Raquel. A aquisição da linguagem. In: FIORIN, José Luiz (org.). **Introdução Linguística**: objetos teóricos. 5ª ed. 2ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2008, p. 211-226.

SCARPA, Ester Miriam. Aquisição da linguagem. In: MUSSALIM, Fernanda; BENTES, Anna Christina (orgs.). **Introdução à linguística**: domínios e fronteiras. v. 2. 5ª ed. São Paulo: Cortez, 2006, p. 203-232.

SNOW, Catherine E. **Questões do Input**: sintonia, universalidade, diferenças individuais e evolutivas, e causas necessárias, 2011. (*mimeo*).

VENTURI, Maria Alice. **Aquisição de língua estrangeira numa perspectiva de estudos aplicados**. In: DEL RÉ, Alessandra. Aquisição da linguagem: abordagens psicolinguísticas / Alessandra Del Ré (org.). -- São Paulo: Contexto, 2006.

WEEDWOOD, Barbara. **História concisa da Linguística**/ Barbara Weedwood; [trad.] Marcos Bagno. São Paulo: Parábola Editorial, 2002.